



Estratégias Autoprejudiciais à Aprendizagem de Universitários em Cursos de Formação de Professores: Um Estudo sobre as Diferenças entre Ingressantes e Concluintes.

Carolina Marques de Lima.

Resumo

As estratégias autoprejudiciais são definidas como um conjunto de ações ou de declarações verbais que interferem negativamente na realização de uma atividade. A presente pesquisa se deu em uma universidade do interior de São Paulo e buscou investigar o uso das estratégias autoprejudiciais em estudantes de licenciatura ingressantes e concluintes, analisar as estratégias mais utilizadas, além de verificar a relação do uso dessas estratégias com a autopercepção do desempenho acadêmico. Houve a participação de 167 estudantes de 13 cursos de licenciatura. Destes, 71 eram ingressantes, 41 estavam no 2º ano em diante, 52 eram concluintes e apenas 3 estudantes não informaram o período cursado. A idade dos participantes variou de 17 a 61 anos.

Palavras-chave:

Formação de Professores, Comportamentos Autoprejudiciais, Autorregulação da Aprendizagem.

Introdução

As estratégias autoprejudiciais visam criar impedimentos para a realização de tarefas que o indivíduo considere importante (Zanatto, 2007). Elas geralmente aparecem no âmbito educacional, de modo específico no ensino superior através do uso de álcool e drogas, da não realização das atividades propostas, das reclamações verbais, da procrastinação do estudo e da realização de trabalhos, do não prestar atenção nas explicações dadas em sala de aula, entre outros (Ganda, 2011). Por meio dessas ações o indivíduo deseja que o fracasso não seja associado à falta de capacidade, mas sim a fatores externos, que não dependem dele (Zanatto, 2007).

Resultados e Discussão

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma escala do tipo *Likert* composta por 19 questões que variam de 1 (não tem nada a ver comigo) a 4 (tem tudo a ver comigo). O escore final obtido na escala pode variar de 19 a 76 pontos. A escala é dividida em dois subfatores: 1) problemas de gerenciamento de tempo, com escore variando de 11 a 44 pontos e 2) problemas de concentração, com escore variando de 8 a 32 pontos. Quanto maior a pontuação obtida na escala mais frequente se faz o uso das estratégias autoprejudiciais. O escore total obtido na escala de estratégias autoprejudiciais dos estudantes ingressantes foi 29,00 e o dos concluintes foi de 30,17. No que se refere aos problemas de gerenciamento de tempo, os ingressantes tiveram escore de 18,88, enquanto que o dos concluintes foi de 19,56. Quanto ao relato de problemas de concentração, os ingressantes obtiveram escore de 10,11 e os concluintes de 10,62. A partir dos resultados é possível inferir que não houve diferença no relato de uso dessas estratégias.

A estratégia relatada como sendo a mais utilizada pelos estudantes foi relacionada à falta de investimento de tempo na realização de um trabalho importante- questão 18 “Alguns estudantes não investem tempo suficiente na realização de um trabalho importante e se o resultado não é bom dizem que não se engajaram”. A menos utilizada foi referente à leitura de revistas de entretenimento durante as aulas- questão 19 “Alguns alunos ficam lendo revistas

de entretenimento durante as aulas. Caso se saiam mal dizem que foi porque não entenderam a matéria”.

Quanto à autopercepção do desempenho acadêmico, 97 participantes relataram estar “acima da nota média”, enquanto que apenas 1 estudante relatou ser “bem abaixo da nota média”.

Conclusão

Os estudantes de licenciatura ingressantes e concluintes relataram utilizar poucas estratégias autoprejudiciais no contexto acadêmico, além de relatarem pouco problema referente ao gerenciamento de tempo e de controle de atenção. Constatou-se também que quanto melhor é a autopercepção do desempenho acadêmico relatada pelos participantes, menor o relato de uso das estratégias autoprejudiciais e de problemas de gerenciamento de tempo.

Por fim, constatou-se que os estudantes ingressantes e concluintes dessa universidade do interior de São Paulo fazem pouco uso das estratégias autoprejudiciais durante sua graduação, sendo, possivelmente, mais autorregulados.

Agradecimentos

À Profª Drª Evely Boruchovitch por sua confiança e incentivo a mim concedida durante o projeto.
À Daniele Ganda por sua dedicação, confiança e ajuda.
Ao PRP, CNPq, SAE pelo financiamento do projeto.

Boruchovitch, E., Ganda, D. R. (2016). Estratégias autoprejudiciais à aprendizagem de professores em formação. *Estudos de Psicologia*, pág 417-425.

Ganda, D. R. (2011). Atribuições de causalidade e estratégias autoprejudiciais de alunos de cursos de formação de professores (Dissertação de mestrado não-publicada). Universidade Estadual de Campinas.

Zanatto, R. (2007). Perfil motivacional de alunos de arquitetura: um estudo exploratório (Dissertação de mestrado não-publicada). Universidade Estadual de Londrina.